

A OUSADIA DAS FORMULAÇÕES: As implicações eclesiológicas das formulações sobre Jesus na Igreja Antiga e na Igreja no Brasil.

*Jeferson Felipe Gomes da Silva Cruz**

*Nossos míseros sistemas têm seu momento;
Têm seu momento e deixam de ser:
Não passam de fagulhas da Vossa Luz,
E Vós, ó Senhor, sois mais que eles.
Alfred Lord Tennyson*

*Estudante de graduação em Teologia no ISPES; ensaio elaborado com a colaboração da professora Maria Cecília Domezi.

Resumo:

Tendo presente o desafio central do Concílio Vaticano II, o ensaio apresenta o modo como em alguns momentos a fé cristã – mais especificamente a proposta pela Igreja Católica – utilizou-se de instrumentais da cultura de seu meio histórico para elaborar uma formulação da compreensão de si mesma. Com isto, a figura central de Jesus Cristo assume fisionomias que são tributárias destes instrumentos: a moradia, o palácio imperial, as imagens de poder de nações colonizadoras e por fim a comunidade.

Palavras-chaves: Eclesiologia, História da Igreja, Fé, Vida Cristã.

Abstract:

Having as a background the main challenge of the Vatican II Council, this essay presents how the self understanding of the Christian faith – here the central issue is the history of the catholic ecclesiology – adopted some tools from historical and cultural realm and used them in order to draw up an ecclesiastical image. So the central point Jesus Christ received a picture that is deep linked to these cultural tools: home, imperial *palazzo*, image of power of some nations and reaching to the nowadays ideia of community.

Key words: Ecclesiology, Catholic Church History, Faith, Christian Life.

INTRODUÇÃO

Há meio século a Igreja deu ao mundo o dom de um Concílio Ecumênico. O Vaticano II, *como flor de inesperada primavera* empreitava, internamente, a sanidade do *aggiornamento*. Marcando as comemorações do jubileu de abertura das sessões conciliares o Papa Bento XVI promoveu um *Ano da fé*. De antemão, nos abstermos da avaliação de suas intenções, mas gostaríamos de aproveitar o fato para propor algumas chaves hermenêuticas sobre aquela que julgamos ser condição *sine qua non* da fé cristã, portanto, também católica: a pregação sobre Jesus e suas consequentes implicações ecle-siológicas. É claro que, como bem lembrou o Papa João XXIII no discurso de abertura do Concílio, *uma coisa é a substância do depositum fidei isto é, as verdades contidas em nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas*.¹ Nosso esforço hermenêutico desdobrar-se-á sobre algumas das *formulações* compreendidas através dos séculos,² particularmente pela Igreja Antiga e pela Igreja no Brasil.

Quem dizem os homens que eu sou? (Mc 8, 27b).

A confissão de Jesus como *o Cristo de Deus* é a rocha angular de toda fé cristã. Chegar a esta confissão não foi tão simples quanto parece. O evangelista mesmo teve a sensibilidade e o cuidado de antepor à profissão de fé de Pedro (cf. Mc 8, 27-30), a cena da cura do cego em Betsaida (cf. Mc 8, 22-26): uma cura

¹ Cf. JOÃO XXIII. *Discurso de Abertura da Primeira Sessão do Concílio Vaticano II*. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 8.

² Na sua essência propriamente espiritual e ética, a verdade religiosa do cristianismo permanece inalterada através dos séculos. Mutável é apenas o feitiço externo que ela assume nas concepções do mundo. Destarte a religião da caridade, pregada por Jesus, após haver surgido inicialmente nos moldes da concepção do mundo judaico-es-catológica, posteriormente se harmonizaria com a concepção grega, a medieval e a moderna. Mas através dos séculos ela permanece o que é em sua essência. Cf. A. SCHWEITZER, *Minha vida minhas ideias*. São Paulo: Melhoramentos, 1951, p.59.

progressiva e tanto quanto difícil. Era bem o que acontecia com os discípulos: progressivamente, e nem sempre com facilidade, iam descobrindo a identidade de Jesus que, justamente, por ser crucificado-ressuscitado era o *ungido, filho do Deus vivo*. Àquela pergunta motriz da fé: *e vós quem dizeis que eu sou?* diversas respostas foram dadas e de diversas maneiras. Telas, versos, prosas, partituras, prédios. Cada tempo e cultura, a seu modo, e com legitimidade, tentou dar a sua resposta. Como disse certa vez Albert Schweitzer, *cada época sucessiva fundamentou suas próprias ideias na figura de Jesus, o que realmente era a única maneira de torná-lo vivo, pois cada uma o criou de acordo com suas próprias características*.³ Mas, tudo o que sabemos sobre o Jesus histórico está alcançável apenas pelo testemunho do Cristo, que é trabalho de capacidade cognitivo-afetiva dos discípulos influenciada pelo Espírito, integrando experiência histórica (a morte de Jesus na Cruz) com experiência de fé (a Ressurreição).⁴

Da mesma forma que aos discípulos Jesus fez intuir um mistério maior que atinge o centro da vida, a cada época e geração, segundo Jaroslav Pelikan,

*a vida e os ensinamentos de Jesus representaram uma resposta (ou melhor, A resposta) para as perguntas mais fundamentais da existência e do destino humanos, e era à figura de Jesus, tal qual a apresentam os Evangelhos, que se endereçavam essas perguntas. Se quisermos compreender as respostas que os séculos precedentes formularam, devemos nos esforçar para compreender também suas perguntas (e, gostaria de frisar, seus interesses), que, na maioria dos casos, não serão as nossas e, em muitos, podem até nem ser propriamente as de seu tempo.*⁵

Como já sinalizamos, a produção das formulações e o modo de assimilação estão de acordo com as concepções de mundo, vigentes em cada época. No campo da Teologia, o debate sobre essa diversidade de formulações, produz a percepção da profunda implicação existente entre Cristologia e Eclesiologia. Nossa tentativa será analisar, à maneira de paralelismo cruzado, a relação entre alguns momentos da História da Igreja e suas respectivas formulações sobre a pessoa de Jesus. De início nos deteremos na transição entre aquilo que chamamos de *Domus Ecclesiae e Christianitas* e depois (o que entendemos como movimento cruzado) na transição de

³ Cf. J. PELIKAN, *A imagem de Jesus ao longo dos séculos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, p. 2.

⁴ É aquilo que a teóloga americana, Sandra M. Schneiders chama de *Imaginação pascal*, referindo-se à maneira como os primeiros cristãos construíram de forma imaginativa um todo unificado do Jesus real e do Cristo confessado. A imaginação cheia de fé dos primeiros cristãos gerou um construto paradigmático no qual se uniu sua experiência com Jesus real com sua fé que procura sentido para viver, que entra no desconhecido. Cf. SCHNEIDERS, S. M. *The Revelatory Text: Interpreting the New Testament as Sacred Scripture*. San Francisco: The Liturgical Press, 1991, p. 105.

⁵ Cf. J. PELIKAN, *A imagem de Jesus ao longo dos séculos*, op. cit., p. 2.

Nova Christianitas e Comunitas. No primeiro bloco interessar-nos-á a trajetória da Igreja no Império Romano e no segundo bloco daremos específica atenção à trajetória da Igreja no Brasil. Historicamente estaremos situados, portanto, entre os Séculos I e IV (para a primeira parte) e os séculos XIX e XX (para a segunda).

I. DE *DOMUS ECCLESIAE* A *CHRISTIANITAS*:

Da experiência do Jesus de Nazaré à sua confissão como Pantocrator.

Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o senhor, Aquele que é, que era e que vem, o Dominador.
(Ap. 1, 8).

⁶ São Gregório de Tours (538-593) foi um historiador galo-romano e, como bispo de Tours, o principal prelado da Gália. É a principal fonte contemporânea da história merovíngia. Seu mais notável trabalho foi seu *Decem Libri Historiarum* (Dez Livros de História), mais conhecido como *Historia Francorum* (História dos Francos), um título dado por cronistas posteriores.

Gregório de Tours,⁶ na obra *Passio sanctorum Martyrum Septem Dormentium apud Ephesum*, conta a história de alguns cristãos que, fugindo das perseguições do imperador Décio (201-251 d.C.), se refugiaram e adormeceram em uma gruta em Éfeso, despertando anos depois, quando o Império Romano já era governado por Teodósio II. A hi(e)stória termina dizendo que um dos cristãos saiu da gruta e foi à cidade próxima e tamanha foi sua surpresa quando viu, gravado na porta da cidade um *signum crucis*. Guardadas as devidas proporções, a narrativa ilustra bem a transição do cristianismo que de uma seita perseguida, iria se tornar uma religião tolerada e favorecida, transformando-se em única religião do Império Romano. Em todo esse complexo estiveram em cena não somente a identidade do cristianismo primitivo, mas a formulação da identidade mesma de Jesus.

⁷ Cf. Jo 21, 1-14. A aparição do ressuscitado à beira do lago de Tiberíades ilustra perfeitamente essa volta à vida levada antes do *deixar tudo para segui-lo*.

A crise provocada pela morte do Nazareno foi determinante para a configuração de seus seguidores. Desiludidos, muitos voltaram para suas *antigas vidas*.⁷ Mas a experiência vivida com Ele deixou marcas tão profundas que a vida já não podia ser a mesma. De fato, os discípulos não podiam aceitar, pura e simplesmente, que a vida de Jesus como fora experimentada e convvida por eles tivesse que acabar na morte ultrajante, como aconteceu. Giuseppe Barbaglio na obra *Jesus, hebreu da Galiléia* afirma:

pode-se conjecturar que, fugidos na Galiléia, Pedro e companheiros tenham refletido seriamente sobre Jesus, sobre sua ação e morte horrível, relendo e meditando páginas da Bíblia hebraica para encontrar ali um sentido de quanto tinha acontecido, uma resposta a perguntas angustiantes: como é possível que tudo tenha terminado de maneira tão negativa? YHWH, que se tinha declarado e demonstrado fiel ao povo apesar de tudo, ressuscitando-o das mais graves dificuldades, como, por exemplo, o exílio babilônico, não é talvez o mesmo Deus de cuja realeza definitiva Jesus se fez Evangelista? Pode-se conjecturar que nesse processo interior, sem excluir confrontos no grupo, tenha renascido esperança e confiança, vividas não como própria conquista autônoma, mas qual dom de graça daquele Jesus do qual redescobrem agora, de modo novo, o papel decisivo de Evangelista do Reino rejeitado pelos maus mas aprovado por seu Deus: ele está vivo em suas vidas, vivo da vida dos ressuscitados porque libertado do reino dos mortos; presente e atuante em modo original com relação à passada presença terrena; Ressuscitado e ressuscitador de sua fé.⁸

O cristianismo primitivo, sob a presença do ressuscitado (iniciativa), vinculado ao passado (reconhecimento), dirigindo-se para o advir (missão), herdou marcas do modelo sinagoga. No entanto, desde muito cedo se percebeu na necessidade de diferenciação. Segundo Hoornaert, a necessidade universalista da missão cristã destoava do proselitismo da sinagoga; depois, cresceu a ideologia de rejeição do povo judeu como responsável pela morte de Jesus e, além disso, os cristãos, pouco a pouco, foram cedendo ao fascínio da organização do sistema imperial romano.⁹ A verdade é que o início do cristianismo foi tão complexo quanto o fim de seu inspirador. Mas, nem por isso, distantes em beleza.

Com relação ao judaísmo, do qual já se diferenciava aos olhos dos não-cristãos, a principal instituição que possibilitou a independência de identidade e organização ao cristianismo foi a família. Em Jerusalém, por exemplo, a vida dos primeiros cristãos acontecia em casas particulares (cf. At 2, 46; 12,12). A casa particular favorecia a adaptação à cidade além de proporcionar privacidade e proteção. O dono

⁸ Cf. G. BARBAGLIO, *Jesus, hebreu na Galileia*. Pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 586.

⁹ Cf. E. HOORNAERT, *A Memória do Povo Cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 145-146.

¹⁰ No século III, por exemplo, durante o pontificado de Zefirino, morto em 217, a Igreja Romana era proprietária de um cemitério na via Ápia. Mas um caso significativo nos primórdios do cristianismo é o das catacumbas de Domitila, em Roma (palco do famoso *Pacto das Catacumbas*, na fase final do Concílio Vaticano II).

¹¹ Desde o tempo da dominação grega, os judeus na diáspora gozavam de certos privilégios. Os cristãos, algumas vezes, confundidos com judeus tomavam parte nesses privilégios o que irritava a elite judaica, sobretudo em Roma. Cf. J. MAIER, *Entre os dois testamentos. História e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005.

¹² Inúmeros testemunhos dessa fé esperançosa são encontrados nas descrições litúrgicas do cristianismo primitivo. Cf. DIDAQUÉ. São Paulo: Paulus, 2004; J. A. JUNGSMANN, *Missarum Sollemnia*. Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana. São Paulo: Paulus, 2010.

¹³ *Pareceu-nos justo que todos, os cristãos inclusive, gozem da liberdade de seguir o culto e a religião de sua preferência*. Cf. *Édito de Milão*. Lactância, *De mort. Persec.* XLVIII, apud H.

da casa tornava-se uma espécie de patrono da comunidade. Novos membros, basicamente, depois do período de catecumenato, entravam na comunidade eclesial pelo ritual do Batismo, da confirmação e da eucaristia. Viviam normalmente, como qualquer outro cidadão, mas reservavam no último ou no primeiro dia da semana, um tempo para a reunião da comunidade. Liam as Escrituras e celebravam a *fração do pão*. As reuniões aconteciam geralmente nas *eclesiae domesticae*, a não ser no *dies natalis* (aniversário de morte) de um mártir ou confessor da fé. Nestes casos a reunião acontecia junto ao túmulo dele e lia-se a paixão do mártir. Os túmulos estavam nos cemitérios que, geralmente, eram privados.¹⁰ Os cristãos estavam imersos na sociedade pagã e o cristianismo, visto de fora, parecia uma associação, como tantas outras, de mútua ajuda. O diferencial era o fermento espiritual e este estava provado no testemunho dos mártires que não temiam a morte, haja vista que a comunidade dos seguidores de Jesus era alvo de inúmeras perseguições; ora por parte do judaísmo,¹¹ ora por parte do império. No segundo caso, as perseguições tiveram seus momentos mais brandos ou mais intensos, dependendo do humor de cada imperador que subia ao trono.

A arte, gravada nas paredes das catacumbas, testemunhavam uma fé esperançosa e alegre dos primeiros cristãos no Ressuscitado.¹² Jesus era crido e experimentado como *presença na comunidade*. A força da Ressurreição era o sustentáculo da fé. O interesse era, antes de tudo testemunhar a *superioridade* da vida vivida segundo o ensinamento de Jesus e a firme esperança de sua volta. As comunidades primitivas, por esforço dialético, talvez com dificuldade, sustentaram a imagem do Jesus Ressuscitado, presente na concretude da vida e, sobretudo, no sangue derramado. Mas, com o passar do tempo, mudadas as configurações da *Eclesiae*, mudava-se a formulação sobre a pessoa de Jesus.

Em 313, O Édito de Milão, assinado por Constantino, marcou o início de uma nova era na Igreja cristã. Embora não tornasse, ainda, o cristianismo a religião oficial do Império, o Édito o tornava religião lícita¹³ e isto mudava tudo. Segundo Domezi,

ser reconhecido pelo Império Romano era uma das grandes revoluções, no panorama dos acontecimentos mundiais do Século IV. O Imperador buscava fazer da

*Igreja o poder espiritual que daria embasamento ao império, e a Igreja se tornava uma instituição no regime de cristandade.*¹⁴

Uma suposta visão de Constantino, nos dias que antecederam a batalha junto à ponte Mílvea, narrada por Eusébio de Cesaréia na obra *A vida de Constantino*,¹⁵ mostra como o imperador havia encontrado um denominador comum que podia garantir novamente a unidade do Império: o reconhecimento de um Deus único. O Édito de Milão não somente encerrava as perseguições, mas tinha o objetivo de atrair os cristãos e incorporá-los à política imperial.

A Igreja, entretanto, já tinha a disposição de apoiar um governante que estivesse pronto a dar-lhe apoio. Depois da experiência de oposição às estruturas provinciais do governo de Roma, ela acabou aspirando à estrutura imperial. Seria, então, uma religião universal para o império universal. O imperador passou a *participar* dos assuntos da Igreja e a presenteá-la com a construção de Basílicas. Com Teodósio I, o Império Romano tornou-se uma teocracia cristã. Todos os cultos e ritos pagãos foram vetados e o desrespeito a este veto era contado como crime de lesa-majestade. O cristianismo passava a ser formalmente a religião oficial, a Igreja Católica passava a ser a Igreja oficial e a heresia passava a ser crime contra o Estado.

Em menos de um século, a Igreja perseguida tornou-se Igreja perseguidora. E a imagem de Jesus ia sendo reformulada para adaptar-se ao contexto eclesial. O carpinteiro de Nazaré, Ressuscitado por Deus, era agora reconhecido como único *Pantocrator*, Senhor onipotente, Imperador. Como disse Hans Küng, a *altiva Igreja oficial romana helenística já quase não se lembrava de suas raízes judaicas*.¹⁶

II. DE NOVA CHRISTIANITAS A COMUNITAS: Do domínio do Cristo Rei à experiência comunitária do crucificado-ressuscitado-libertador.

És, portanto, rei? (Jo 18, 37b).

Sob Teodósio estava estabelecida, praticamente, a primeira Cristandade. Daí por diante essa ideia de *teocracia cristã* foi sendo disseminada, ora alcançando louvor, ora com

BETTENSON, *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2007, p. 49-50.

¹⁴ Cf. M. C. DOMEZI, *História da Igreja: Idade Antiga*. São Paulo, 2008, p. 52. (apostila de aulas).

¹⁵ O imperador Constantino, depois de ter visto no céu uma cruz com a inscrição *com este sinal vencerás*, mandou pintá-la nos escudos de seus soldados obtendo a vitória sobre o exército de Maxêncio, em 312. Cf. F. PIERINI, *A Idade Antiga: curso de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2004, vol. 1º., pp. 128-129.

¹⁶ Cf. H. KÜNG, *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. pp. 66-67.

dissabores. Quando os povos germânicos ultrapassaram as fronteiras do Império e se estabeleceram no Ocidente, foram os francos os primeiros a abraçar a fé cristã, em fins do século V. Dado relevante, nesse período foi a ascensão da casa dos carolíngios, cujo prestígio foi fortalecido sob Carlos Martel (688-741 d.C.) e cujo apogeu foi alcançado sob Carlos Magno (742-814 d.C.), que assessorado por eclesiásticos pensou em fazer ressurgir a ideia do Império Romano e era considerado, por seus contemporâneos, como um novo Constantino, escolhido por Deus para implantar e defender a Cristandade. A partir do século XI, a ideia de Cristandade foi retomada na Alemanha, sob a designação do Sagrado Império Romano Germânico; povoou a consciência das cruzadas e foi, depois, retomada na Península Ibérica pelos reis de Espanha e Portugal.¹⁷

¹⁷ Cf. R. AZZI, *A Neocristandade*. Um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994, vol. 5^o, pp. 5-6.

Segundo Riolando Azzi, os condicionamentos do *mito* da Cristandade, em suas sucessivas concretizações históricas, permitem perceber todo conteúdo ideológico que o revestiu. *As diversas Cristandades constituem, portanto, construções históricas e míticas ao mesmo tempo, polarizadas ao redor de determinados princípios que fundamentam a ordem social de um povo, e simultaneamente garantem sua estabilidade e expansão.*¹⁸ É justamente sob essa ideologia, para conquistar novos adeptos e suprir a perca ocasionada pela reforma protestante no Século XVI, sob o manto dos reis, que os colonizadores se empenham na missão de organizar a Cristandade colonial brasileira como uma dilatação da Cristandade Portuguesa. Durante quatro séculos a Igreja no Brasil era um departamento do Estado Português. Embora fosse, em alguns casos, o único esteio para parte da população, sobretudo viúvas e outras categorias *excluídas*,¹⁹ pelo regime do padroado, sua função era desempenhar o culto e pregar, sob *vestes do Evangelho*, os interesses dos monarcas. Mas com o alvorecer da modernidade, as coisas começaram a mudar.

¹⁸ Idem, p. 7.

¹⁹ Basta lembrar os inúmeros leprosários, hospícios e outras *casas de caridade* que ficavam sob os cuidados da Igreja.

²⁰ Cf. J. COMBLIN, *Um novo amanhecer da Igreja?* Petrópolis: Vozes, 2002, p. 15.

²¹ Entretanto não podemos ignorar a influência da maçonaria e de outras sociedades secretas de cunho progressistas nessas revoluções.

Durante o século XIX, na história do Brasil destacaram-se importantes revoluções, e a maioria delas, encabeçada pelo clero. Em Pernambuco, *o valoroso barril de pólvora*, uma delas ficou conhecida como *a revolução dos padres*.²⁰ Nesta época, senão completamente ao menos em parte, a *Mater Ecclesiae* se via na obrigação de estar envolvida nas lutas dos movimentos abolicionistas e republicanos. No entanto, por razões políticas,²¹ imersa na conjuntura toda

particular do fim do referido século a Igreja no Brasil estava dividida em dois blocos: regalistas e ultramontanos. Os primeiros defendiam o padroado; os segundos o domínio absoluto do papa e a total independência do Estado. Devido às circunstâncias, externas e internas, a Igreja após a abertura do início do século, que possibilitou o engajamento de parte do clero nas lutas, passou por uma fase de retração: retirou-se da sociedade e recolheu-se nas suas paróquias. Uma prova cabal desse fechamento foi sua postura diante da causa da abolição. Algumas vozes isoladas se levantaram, mas não foram ouvidas. Na sua grande maioria a hierarquia católica estava preocupada com a estruturação institucional e a restauração do poder da Igreja perdido com a proclamação da República (1889).

De fato, até então, o catolicismo brasileiro esteve acostumado a resolver suas questões com o Estado. Era a consequência lógica do regime do padroado. Com a proclamação da República em 1889, surgiu para a Igreja Católica uma profunda mudança: suas questões não eram mais resolvidas com o Estado, mas na sociedade civil e, principalmente, no seio da própria comunidade religiosa e outra novidade acompanhava essa separação: a tutela de Roma, que com o tempo, e em resposta ao divórcio com o Estado, foi sendo cada vez mais estreitada. A Igreja viu-se excluída da ordem pública e social. Segundo Martin Dreher, *todo período da primeira República é, para a Igreja Católica, um período de lutas para restabelecer a antiga ordem no plano institucional, buscando presença nas instituições*.²² Reclamando espaço, a Igreja reforçou a polêmica anti-protestante, anti-liberal, anti-leiga, anti-positivista e anti-maçônica, mas sobretudo, anti-comunista. A *Nova Christianitas* ergueu-se como Igreja que busca chegar ao poder da nação. Durante a segunda República a Igreja, ainda na tentativa de reaver seu prestígio, propõe a aliança, embora mantendo a independência, com o Estado.²³ A hierarquia então se empenhou em formar uma elite católica e se viu obrigada a entrar em terrenos *profanos*. É quando a situação começa a mudar novamente.

A construção do Reino de Cristo começava a ser entendida, ao menos por alguns, como obrigação que não pode esquivar as realidades sociais. Diante de situações concretas alguns bispos começaram a publicar cartas pastorais referentes a problemas sociais. O problema da reforma agrária foi

²² Cf. M. DREHER, *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, vol. 4^o, p. 209.

²³ O discurso de D. Álvaro Augusto da Silva, arcebispo primaz, durante a semana em honra do Cristo-Rei, em preparação para a inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, é um forte exemplo da mentalidade da Nova Cristandade no Brasil. Cf. R. AZZI, *A Neocristandade, um projeto restaurador*, op. cit., p. 103.

²⁴ Cf. *Carta Pastoral* de 07 de setembro de 1950. Cf. I. ENGE-LKE. Conosco, sem nós ou contra nós, se fará reforma rural. In COMBLIN, J. *Novo amanhecer da Igreja?* op.cit., p. 18.

²⁵ Cf. J. COMBLIN, José. *Novo amanhecer da Igreja?* op. cit., p. 19.

²⁶ Cf. M. DREHER, *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*, op. cit., pp. 210-211.

²⁷ Dado significativo é a criação da Festa de Cristo Rei do Universo, pelo Papa Pio XI, em 1925, por meio da Encíclica *Quas Primas*.

um dos primeiros a aparecer.²⁴ Com o governo Vargas, que pretendia algumas reformas, a Igreja começou a reagir. Até 1964, segundo José Comblin, houve uma série de reuniões episcopais que trataram de problemas sociais. Mas os bispos *ainda esperavam a transformação pelo apoio dos grandes*, contando com o sentimento cristão dos patrões e da política governamental. Não havia, então, nenhum apelo ao mundo popular.²⁵ A Igreja continuava na mentalidade de cristandade, de emparelhamento com os poderosos, e preocupada com seu *status* na sociedade. A própria Ação Católica especializada nada mais era do que uma tática para manter no redil as mais diversas categorias sociais e como a sociedade, nesse período, era cada vez mais complexa e a própria pastoral da Igreja foi sendo diversificada. Ocupou-se com operários, universitários, civis, militares, agricultores, estudantes e analfabetos. Era o auge da Ação Católica. Os leigos eram chamados a integrar o *apostolado da hierarquia*. O veículo da atuação católica, então, passou a ser o laicato. Na verdade, pensava-se que cristianizando, sobretudo, as elites haveria a cristianização da sociedade. Uma nova cristandade então seria instalada, possibilitando a salvação do *Ocidente Cristão*.²⁶

Durante o tempo em que esteve aliada com o poder estatal a Igreja formulou a face de Jesus sob os moldes dos poderosos. O *Pantocrator* do Império Romano foi ganhando adereços e configurou-se como Rei. A partir do fim da aliança com o Estado, a Igreja mantém sua formulação do Reinado de Cristo, mas agora defendendo a superioridade de sua autoridade e poder. Tendo em vista a *restauração*, como eco do lema do pontificado de Pio XI: *Restaurar todas as coisas em Cristo*, a Igreja não escondeu seu interesse, e não mediu esforços para restaurar o domínio espiritual da fé católica.²⁷

Passados alguns anos, no bojo histórico entra em cena, *como flor de inesperada primavera*, o Concílio Vaticano II. A Igreja passa por um sério *aggiornamento* e reconhece que o Reinado de Jesus não faz sentido para o homem moderno e tenta rever sua face. Partindo, então, das circunstâncias concretas do homem moderno, tão inquieto, tão insatisfeito e perdido, a Igreja propõe ver em Jesus o verdadeiro rosto do homem. Antropologia e Cristologia acabam por dialogar de maneira mais estreita.

No Brasil essa nova mentalidade teve consequências importantes. Aumentou significativamente a presença da Igre-

ja nas problemáticas sociais. Todo movimento da JOC, por exemplo, iniciado já mesmo antes do Concílio foi agora expandido para as outras frentes da Ação Católica. A problemática da Ditadura Militar e a postura profética de parte do episcopado diante dela, foram prova de que a Igreja reconhecia sua condição de *peregrina da conversão*. Em 1973, por exemplo, foi publicado o documento *Eu ouvi os clamores do meu povo*, assinado por bispos e superiores religiosos do Nordeste. A vida do povo, ainda vista de maneira massiva, estava esmagada e isso era incompatível com a mensagem do Evangelho. Essa sensibilidade então produz na Igreja do Brasil, ou pelo menos em parte dela, a configuração de Cristo com os pobres. Jesus não é o Rei a cujo coração devemos desagrar. Também não é simplesmente rosto verdadeiro do homem, de maneira genérica. Jesus é o homem pobre, marginalizado (cf. Mt 25, 40).

O antigo processo de romanização, como força de imposição diante da República nascente e das tantas frentes já mencionadas, abafou o catolicismo popular. Após o Concílio e a *conversão* aos pobres, no Brasil as CEBs explodiram possibilitando a afirmação leiga. Segundo Faustino Teixeira,

*foram favoráveis à irrupção ‘insuspeitada’ das CEBs: a crise da Igreja enquanto instituição (paróquias estagnadas, falta de padres...); as iniciativas com a educação de base com ênfase na conscientização; a evangelização comunitária e a sindicalização; a Ação Católica Especializada; os esforços da CNBB para uma pastoral de conjunto que acolhia as novas experiências em curso.*²⁸

A face de Jesus, nesse contexto, era a do companheiro de caminhada: pobre com os pobres. A configuração popular com Jesus voltava à cena. Jesus fora devolvido ao povo e reconhecido como *libertador*. Nessa época boa parte da Igreja no Brasil se definiu então por *Igreja Popular*.²⁹

De fato, internamente, a maior novidade nesse período foi o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, dando uma estrutura mais participativa à vida da Igreja. Na verdade, caracterizavam-se por uma nova forma de organização pastoral. Tradicionalmente, a pastoral da Igreja Católica era organizada em torno das paróquias. As CEBs permitiram

²⁸ Cf. F. L. C. TEIXEIRA, *As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: traços explicativos de sua gênese*. In DUSSEL, E. (Ed.) *Historia Liberationis: 500 Anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 563-582.

²⁹ Scott Mainwaring *distingue três fases na história da Igreja popular, que é a ala da Igreja comprometida com a transformação da sociedade: surgimento (1964-1973), desenvolvimento (1973-1982), estabilização e declínio desde 1982*. Esta figura representa bastante bem a evolução. Entre 1973 e 1982 a Igreja popular representa a força dominante na Igreja no Brasil. Cf. J. COMBLIN, *Novo amanhecer da Igreja?* op. cit., p. 22.

³⁰ *De nada adiantará venerarmos belas imagens de Cristo, digo mais, nem bastará que paremos diante do Pobre e nele reconhecamos a face desfigurada do Salvador, se não identificarmos o Cristo na criatura humana a ser arrancada do subdesenvolvimento. Por estranho que a alguns pareça, afirmo que, no Nordeste, Cristo se chama Zé, Antônio, Severino... Ecce Homo: Eis o Cristo, Eis o Homem! Ele é o homem que precisa de justiça, que tem direito à justiça, que merece justiça.* Dom HELDER CÂMARA. Trecho do Discurso de posse na Arquidiocese de Olinde e Recife. Disponível em: http://www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/dhc/textos/20090327_aulamagnapuc_domgeraldolyrio.pdf.

³¹ Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2008, p. 8.

³² Cf. J. PELIKAN, *A imagem de Jesus ao longo dos séculos*, op. cit., p. 7.

que a organização paroquial se desse através de comunidades menores, onde os membros pudessem estabelecer laços comunitários entre si. Como na primitiva experiência eclesial da *Domus*, nas comunidades de base as pessoas se reuniam por proximidade geográfica. Um dado marcante na experiência, fruto do Concílio, foi a valorização da Teologia da marginalidade, que já nos primórdios do cristianismo havia sido difundida por Tertuliano (+ 225). Na sua grande maioria o cristianismo nascente, e agora o das CEBs, era formado predominantemente por marginalizados, pobres, trabalhadores manuais, escravos, donas de casa, artesãos, pequenos comerciantes. À luz do Concílio e das experiências concretas vividas pelas comunidades eclesiais, a Igreja, enfim, “voltou às fontes” e reconheceu a distância existente entre o Cristo Rei e o Jesus Cristo do Evangelho. Se persistiu no reinado de Cristo, deu a ele uma nova maneira de ser. Jesus foi considerado, novamente, crucificado-ressuscitado. Era experimentado na vida consciente e ativa das diversas comunidades. Já não era mais um estranho distante, mas era pregado na proximidade e encarnado num rosto concreto: o dos pobres.³⁰

III – A OUSADIA DA INTERPRETAÇÃO.

E vós, quem dizeis que Eu sou? (Mc 8, 29b).

Jesus é, sem dúvida, o que de melhor a humanidade já produziu.³¹ Como bem observou o filósofo inglês John Stuart Mill, *difícilmente será demais lembrar à humanidade que existiu um homem chamado Sócrates. É verdade. Ainda mais importante, porém, é lembrar à humanidade que um homem chamado Jesus Cristo esteve aqui.*³² Embora nossos míseros sistemas tenham seu momento e deixem de ser, sobre Ele é possível tecer as mais diversas caricaturas. Nosso intuito, como tentamos sinalizar no início, foi tecer uma reflexão sobre as diversas formulações acerca da pessoa de Jesus e suas implicações eclesiológicas.

Nessas *fatias* da história da Igreja fica patente a *formulação* de sua imagem, de acordo com o interesse institucional. Não foi nossa intenção supor que existam épocas mais amadas por Deus do que outras. Esta é uma tendência milenarista que não corresponde ao autêntico *sensus fidei*. Quisemos, somente, analisar paralelamente essas etapas que, embora dis-

tantes cronologicamente, produziram Cristologias tão parecidas. O paralelo é meio cruzado, mas se quisermos resumir, diríamos que como na experiência das primeiras comunidades cristãs Jesus era pregado como crucificado-ressuscitado e a força de sua ressurreição impelia a vida dos crentes, assim na experiência pós-conciliar, sobretudo das comunidades de base, Jesus é visto como o crucificado-ressuscitado e, por isso, libertador. Configurado com os crentes. Sua força impelia a transformação da sociedade. Por outro lado, quando da oficialização como religião imperial, Jesus assumiu os ares de *Pantocrator* e durante a *Nova Christianitas*, mesmo com a separação entre Igreja e Estado, lhe é mantida a pose monárquica e é pregado como Rei acima de todos os poderes terrestres. A reflexão hermenêutica proposta nestas linhas é nada mais que um convite à consciência de que cada época e geração têm participação naquilo que foi produzido e nos é apresentado hoje. Que não existe, nas formulações, verdade absoluta (embora exista na essência). E que, por isso mesmo, cada imagem ou formulação sobre Jesus só é verdadeira à medida que dá sentido para a vida e responde às perguntas próprias de cada tempo.³⁵

Como disse Schweitzer em *Minha vida e minhas idéias*, embora o Jesus histórico nos pareça um tanto estranho, ele atua sobre nós exatamente como ele é na realidade, e isso com muito maior vigor e muito mais perto do que ele se nos apresentava através do dogma e da pesquisa feita até agora. No dogma, sua personalidade perdeu vida; a pesquisa, feita até hoje, modernizava-o e diminuía-o. Quem ousa fitar os olhos do Jesus histórico e procura escutar o que suas poderosas palavras têm a lhe dizer, esse abandona a pergunta: afinal, que significação ainda tem um Jesus tão estranho? Aprenderá a conhecê-lo como aquele que quer ter lugar em nós. A verdadeira compreensão de Jesus é a que entrega a nossa vontade à sua vontade. A verdadeira relação com ele é a de estarmos intimamente imersos n'Ele. Toda a piedade cristã vale tanto quanto entregarmos a nossa vontade à sua vontade. Jesus não pede que se consiga expressar em palavras e conceitos quem ele é. A única coisa que pede é que, por atos, prove-se que, graças a ele, encontra-se um novo sentido para a vida e participe-se de sua paz.

De fato, estamos longe de encerrar o debate sobre as formulações acerca da figura de Jesus. Entre as fatias que apre-

³⁵ Na contemporaneidade, justamente por ser o melhor que a humanidade produziu, Jesus é para todos. Configura-se com o sofrido, para além do pobre e marginalizado simplesmente. Configura-se, inclusive, com sofrimentos que a contemporaneidade produz, apesar do desenvolvimento. Por exemplo, depressão, transtornos emocionais e psíquicos, drogas e álcool, violência doméstica e etc.

sentamos é claro que existiram muitas outras concepções, cada qual como fruto de grupos e contextos determinados. E até que se acabe a última geração, não estará encerrado o debate sobre Jesus. Pelo Espírito, somos todos *co-criadores* da fé e o Evangelho, enquanto *criação primeira* é sempre o ponto de referência e medida. Por que,

Ele chega ao nosso encontro como um desconhecido sem nome, tal como se aproximou, na margem do lago, daqueles homens que ignoravam quem ele era. Ele pronuncia a mesma palavra: Tu, porém, segue-me! e nos coloca diante de tarefas que ele precisa solucionar em nosso tempo. Ele ordena. E àqueles que lhe obedecem, sejam sábios ou ignorantes, ele se revelará naquilo que eles experimentaram na sua companhia: paz, atividade, luta e sofrimento, e então, através de um indizível mistério, eles virão a saber quem ele é....³⁴

³⁴ Cf. A. SCHWEITZER, *Minha vida e minhas idéias*. op.cit., p. 63.